

Trovadorismo, Renascimento e Quinhentismo

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Trovadorismo, Renascimento e Quinhentismo

Trovadorismo

O Trovadorismo surgiu na Idade Média, no século XII e o seu marco inicial foi a “Cantiga da Ribeirinha” (ou “Cantiga da Garvaia”), escrita em 1189 por Paio Soares de Taveirós. As cantigas podiam ser líricas (de Amor ou de Amigo) ou Satíricas (de Escárnio ou de Maldizer).

Cantiga de Amor

Cantiga da Garvaia (Paio Soares de Taveirós)

No mundo nom me sei parelha,
Mentre me for como me vai,
Ca ja moiro por vos – e ai!

Mia senhor branca e vermelha,

Queredes que vos retraia

Quando vos eu vi en saia!
Mau dia me levantei,
Que vos enton non vi fea!
Me foi a mi muin mal,
E vós, filha de don Paaí
Moniz, e ben vos semelha
D’haver eu por vós guarvaia,
Pois eu, mia senhor, d’alfaia
Nunca de vós ouve nem ei
Valia dua correa.

E, mia senhor, dês aquel di’, ai!
No mundo não conheço quem se compare
A mim enquanto eu viver como vivo,
Pois eu morro por vós – ai!

Pálida senhora de face rosada,

Quereis que eu vos retrate

Quando eu vos vi sem manto!
Infeliz o dia em que acordei,
Que então eu vos vi linda!
E, minha senhora, desde aquele dia, ai!
As coisas ficaram mal para mim,
E vós, filha de Dom Paio
Moniz, tendes a impressão de
Que eu possuo roupa luxuosa para vós,
Pois, eu, minha senhora, de presente
Nunca tive de vós nem terei

O mimo de uma correia.

Cantiga de Amigo

Ondas do Mar de Vigo (Martin Codax)

Ondas do mar de Vigo,
Se vistes meu amigo!
E ai, Deus!, se verrá cedo!

Ondas do mar levado,
Se vistes meu amado!
E ai Deus!, se verrá cedo!

Se vistes meu amigo,
O por que eu sospiro!
E ai Deus!, se verrá cedo!

Se vistes meu amado,
Por que hei gran cuidado!
E ai Deus!, se verrá cedo!

Ondas do mar de Vigo
Acaso vistes meu amito?

Queira Deus que ele venha cedo!

Ondas do mar agitado,
Acaso vistes meu amado?
Queira Deus que ele venha cedo!

Acaso vistes meu amigo
Aquele por quem suspiro?
Queira Deus que ele venha cedo!

Acaso vistes meu amado,
Por quem tenho grande cuidado (preocupação)?
Queira Deus que ele venha cedo!

Cantiga de Escárnio

Ai, dona fea, foste-vos queixar... (João Garcia de Guilhade)

Ai, dona fea, foste-vos queixar
Que vos nunca louv(o) em meu cantar;
Mais ora quero fazer um cantar
Em que vos loarei toda via;
E vedes como vos quero loar;
Dona fea, velha e sandia!

Dona fea, se Deus mi pardon,
Pois avedes (a) tan gran coraçon
Que vos eu loe, em esta razon
Vos quero já loar toda via;
E vedes qual será a loaçon:
Dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
Em meu trobar, pero muito trobei;
Mais ora já um bom cantar farei,
Em que vos loarei toda via;
E direi-vos como vos loarei:

Dona fez velha e sandia!

Ai, senhora feia, foste-vos queixar
Porque nunca vos louvo em minhas cantigas
Mas agora quero fazer um cantar
Em que vos louvarei, todavia;
E vede como vos quero louvar:
Senhora feia, velha e louca!

Senhora feia, assim Deus me perdoe,
Pois tendes tão bom coração
Que eu vos louvo, e por esta razão
Eu vos quero louvar, todavia;
E vede qual será a louvação:
Senhora feia, velha e louca!

Senhora feia, eu nunca vos louvei
Em meu trovar, mas muito já trovei;
Entretanto, farei agora um bom cantar
Em que eu todavia vos louvarei:
E vos direi como louvarei:
Senhora feia, velha e louca!

Cantiga de Maldizer

Foi um día Lopo jogar (Joan Airas de Santiago)

Foi um día Lopo jogar
A cas dun infançon cantar,
E mandou-lh'ele por don dar
Tres couces na garganta;
E fui-lh'escass', a meu cuidar,
Segundo com'el canta.

Escasso foi o infançon
Em seus couces partir entón,
Ca non deu a Lopo, entón,
Mais de tres na garganta;

E mais merece o jograrón,
Segundo com'el canta.

Foi um dia Lopo jogral
Cantar na casa de um fidalgo
E deu-lhe este em pagamento
Três coices na gargante,
E até foi moderado, a meu ver,
Pelo jeito como ele canta.

E tratou-o com moderação
Ao dar-lhe tão poucos coices,
Pois não deu a Lopo então
Mais de três em sua garganta
E mais merecia o jogralão,
Pelo jeito como ele canta.

Renascimento

Quando, na transição da Idade Média para a Idade Moderna (séculos XIV e XV), começaram a se formar as primeiras nações modernas, como Portugal, Espanha e os vários principados italianos, teve início também um processo de efervescência cultural, que procurou recuperar a tradição clássica da Antiguidade Ocidental.

Camões – Filosófico e Universal

O Desconcerto do Mundo (Luís Vaz de Camões)

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E para mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado.
Assim que, só para mim,
Anda o mundo concertado.

O poema retrata o conflito entre o ser e o dever ser, uma reflexão filosófica que revela um homem descontente com os rumos de seu tempo, insatisfeito com a nova ordem de valores que se instala naquele momento histórico, de transição para o mundo moderno.

Quinhentismo

O Quinhentismo é a denominação genérica de todas as manifestações literárias ocorridas no Brasil durante o século XVI, no momento em que a cultura europeia foi introduzida no país.

Trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha

[...]

Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças; e ao sol posto, obra de seis léguas de terra, surgimos âncoras, em dezenove braças – ancoragem limpa. Ali permanecemos toda aquela noite. E à quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitos à terra, indo os navios pequenos diante, por dezessete, dezesseis, quinze, catorze, treze, doze, dez e nove braças, até meia légua da terra, onde todos lançamos âncoras em frente à boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas pouco mais ou menos.

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro.

Então lançamos fora os batéis e esquifes, e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor, onde falaram entre si. E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens.

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles pousaram.

Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

[...]

Poema de Pe. José de Anchieta sobre Jesus na Manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,
Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.

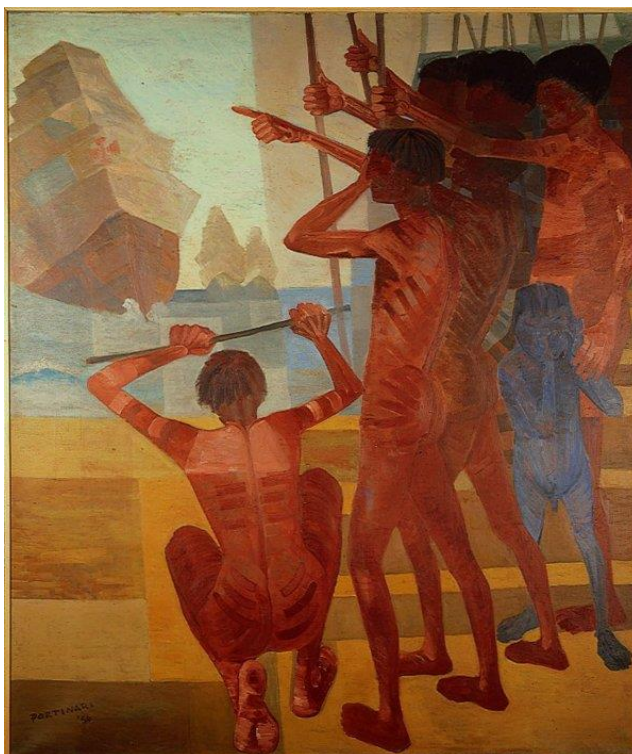
Exercício

1. TEXTO I

Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam.

CASTRO, S. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

TEXTO II



PORTINARI, C. *O descobrimento do Brasil*. 1956. Óleo sobre tela, 199 x 169 cm Disponível em: www.portinari.org.br. Acesso em: 12 jun. 2013. (Foto: Reprodução)

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que

- a) A carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.
- b) A tela de Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.
- c) A carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.
- d) As duas produções, embora usem linguagens diferentes – verbal e não verbal –, cumprem a mesma função social e artística.
- e) A pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momento histórico, retratando a colonização.

Gabarito

1. C